



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS E LITERATURAS ESTRANGEIRAS
MODERNAS
PESQUISA EM LÍNGUA E LITERATURA DA LÍNGUA INGLESA

Ansiedade na sala de aula de língua estrangeira: uma pesquisa bibliográfica

LETÍCIA ALVES MARQUES

NATAL/RN
2024

LETÍCIA ALVES MARQUES

Ansiedade na sala de aula de língua estrangeira: uma pesquisa bibliográfica

Monografia apresentada ao curso de graduação em Letras Inglês, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras Inglês.

Orientadora: Profa. Dra. Marília Varella Bezerra de Faria

NATAL/RN

2024

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes -
CCHLA

Marques, Leticia Alves.

Ansiedade na sala de aula de língua estrangeira: uma pesquisa bibliográfica / Leticia Alves Marques. - 2024.
37f.: il.

Monografia (graduação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Letras - Inglês, Natal, RN, 2024.

Orientação: Prof.^a Dr.^a Marília Varella Bezerra de Faria.

1. Ansiedade. 2. Aprendizagem. 3. Língua Estrangeira. 4. Sala de Aula. I. Faria, Marília Varella Bezerra de. II. Título.

RN/UF/BS-CCHLA

CDU 811.111:159.947.5

AGRADECIMENTOS

À Deus, todo misericordioso e cheio de amor.

Aos meus pais, Sérgio e Magna, pelo apoio aos meus estudos e pelo amor dado ao longo de minha vida.

Às minhas avós, Luzia e Luzia, por todo carinho que tenho a honra de receber.

À professora Marília Varella Bezerra de Faria, por toda orientação e suporte de forma tão solícita.

Às professoras Ana Graça Canan e Lucinéia Contiero por aceitarem participar desta banca.

RESUMO

Durante o processo de aprendizagem de uma língua estrangeira, notamos, como professores, o desenvolvimento de forma distinta dos alunos em sala de aula. Dentre vários fatores influentes, o fator psicológico é um dos fatores capazes de afetar o progresso do aluno. Tratando-se da ansiedade em sala de aula de língua estrangeira, esse trabalho busca compreender os fatores que influenciam a ansiedade experienciada por alguns alunos no aprendizado de língua estrangeira, e quais estratégias podem ser utilizadas pelos professores para minimizar essa ansiedade. Para investigar esses objetivos, utilizamos neste trabalho, que se encontra na área de Linguística Aplicada, de natureza qualitativa e bibliográfica, os autores Spielberger (1977), Scovel (1978) Horwitz, Horwitz e Cope (1986) e MacIntyre e Gardner (1989, 1991, 1994) como base teórica e analisamos os trabalhos de Thereza Jr (2011), Ferreira (2017), Ge (2018) e Figueiredo (2020) para responder nossos objetivos. Como resultado das análises, constatamos que fatores subjetivos dos alunos, sensação de vulnerabilidade e o modo como os alunos lidam com os erros podem interferir, de forma positiva ou negativa, na ansiedade manifestada em sala de aula. Diante dos estudos analisados, a habilidade oral demonstrou-se a maior geradora de ansiedade, contudo, não pode ser considerada única. De acordo com as estratégias para contornar a ansiedade em sala de aula mencionadas nos trabalhos, encontramos propostas de criação de um ambiente de estudo confortável, estabelecimento de confiança entre professor e aluno, flexibilização na forma de dar aula e orientação do professor para o aluno lidar melhor com os sentimentos ansiosos em sala de aula.

Palavras-chave: Ansiedade. Aprendizagem. Língua estrangeira. Sala de aula.

ABSTRACT

During the process of learning a foreign language, we as teachers, notice that students develop differently in the classroom. Among several influential factors, the psychological factor is one of the factors capable of affecting the student's progress. Regarding anxiety in the foreign language classroom, this work seeks to understand the factors that influence the anxiety experienced by some students in the process of learning a foreign language and which strategies can be used by teachers to minimize this anxiety. To investigate these objectives, we used in this work, which is a qualitative and a bibliographic study in the area of Applied Linguistics, as a theoretical basis Spielberger (1977), Scovel (1978) Horwitz, Horwitz and Cope (1986) and MacIntyre and Gardner (1989, 1991, 1994). Furthermore, we analyzed the works of Thereza Jr (2011), Ferreira (2017), Ge (2018) and Figueiredo (2020) to answer our objectives. As a result of the analyses, we found that students' subjective factors, feelings of vulnerability and the way students deal with errors can interfere, positively or negatively, in the anxiety expressed in the classroom. Among the studies analyzed, oral ability proved to be the greatest anxiety generator, however, it cannot be considered the only one. According to the strategies to overcome anxiety in the classroom mentioned in the studies, we found proposals for creating a comfortable study environment, establishing trust between teacher and student, making classes more flexible and providing guidance from the teacher so students can deal better with anxious feelings in the classroom.

Keywords: Anxiety. Learning. Foreign language. Classroom.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	10
2.1 O ensino/aprendizagem de língua estrangeira.....	10
2.2 O que é ansiedade?.....	11
2.3 A ansiedade no contexto escolar.....	12
2.4 Estudos sobre a ansiedade no aprendizado de língua estrangeira.....	14
2.4.1 Os primeiros estudos.....	14
2.4.2 O Inventário de Ansiedade Traço-Estado (IDATE).....	14
2.4.3 A Escala de Ansiedade de Sala de Aula de Língua Estrangeira.....	15
2.4.4 A ansiedade no contexto linguístico.....	16
3. METODOLOGIA.....	18
4. ANÁLISES E RESULTADOS.....	20
4.1 Um estudo Q sobre a ansiedade na aprendizagem de língua estrangeira.....	20
4.2 Ansiedade dos aprendentes chineses na aprendizagem de português como língua estrangeira.....	22
4.3 Autorreflexão e ação sobre fatores geradores de ansiedade produção oral em aulas de alemão como língua estrangeira em ambiente universitário: uma proposta experimental.....	24
4.4 Um estudo de caso sobre a ansiedade na aprendizagem de língua estrangeira.....	26
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS.....	33

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objeto de estudo a ansiedade no contexto de aprendizado de língua estrangeira, especificamente em sala de aula. Segundo Horwitz, Horwitz e Cope (1986), a ansiedade no aprendizado de língua estrangeira é um processo diferente dos sentimentos de medo e de ansiedade transferidos para o contexto de sala de aula. É, portanto, na visão do aluno, um complexo de autopercepções, crenças, sentimentos e comportamentos relacionados ao aprendizado de língua estrangeira em sala de aula. Tais sentimentos são provocados devido à singularidade do processo de aprendizado de língua estrangeira.

Ainda para Horwitz, Horwitz e Cope (1986), a ansiedade no aprendizado de língua estrangeira pode ocorrer de três formas, sendo elas: apreensão ao se comunicar, ao realizar provas e no medo de uma avaliação negativa dos colegas e professores. Cada uma dessas três formas serão explicitadas no decorrer do trabalho.

Nos dias de hoje, notamos o ensino de língua estrangeira amplamente difundido. Brasil (1998) aponta que conhecer uma língua estrangeira se torna crucial para a participação na sociedade. Leffa (2016, p.141) constata que a globalização torna imprescindível a figura do professor na sociedade em que estamos. Mais além, o autor acrescenta que, conforme aumenta o contato entre as pessoas de diferentes partes do mundo, aumenta também a importância do professor de língua estrangeira, sendo mais necessário do que nunca.

Aliado à globalização, os recursos tecnológicos estão cada vez mais presentes no ensino de idiomas. Já nos anos finais do século passado, Brasil (1998) observava uma tendência à informatização do processo na área de idiomas. A exemplo da língua inglesa, Finardi, Prebianca e Momm (2013, p.198) corroboram com essa visão, pois, segundo as autoras com o avanço da internet e as informações que nela possuem, é mais evidente a necessidade de conhecer esse idioma.

Notamos também que, com o avanço tecnológico, novas práticas de ensino e ferramentas digitais são utilizadas para o aprendizado de idiomas, como aplicativos, *sites* e aulas *online*. Larsen-Freeman e Anderson (2011) visualizavam dois modos de

utilizar a tecnologia no processo de aprendizado de idiomas, um é utilizar como fonte de recursos pedagógicos e outro, com melhores benefícios, é utilizar a tecnologia para melhorar experiências de aprendizado, pois permite um maior acesso à língua-alvo.

De acordo com Ferreira e Lopez (2023), o uso de tecnologias emergentes no ensino de idiomas, citando especificamente a língua inglesa, promove a igualdade nas oportunidades educacionais, pois tais recursos promovem um aprendizado inclusivo, motivador e capacitante aos alunos.

Apesar da realidade tecnológica de ensino de idiomas, a forma tradicional de se ensinar línguas permanece tendo grande relevância, como nas escolas de idioma e nas escolas regulares. A exemplo das escolas regulares, sejam elas públicas ou privadas, a matéria de língua inglesa é obrigatória a partir do 6º ano do ensino fundamental II (Brasil, 2018).

Independente da realidade em que o aluno aprende um idioma, é inegável que alunos se desenvolvem de formas distintas em sala de aula, e fatores psicológicos podem afetar ainda mais o progresso do aluno. Como exemplo, citamos a temática deste trabalho, a ansiedade no aprendizado da língua estrangeira, já que uma das suas consequências é a redução da participação nas atividades propostas.

Como um profissional crítico a respeito de sua prática, o professor reflexivo analisa e problematiza situações vividas na prática com intuito de encontrar soluções para essa situação e as futuras (Bretas, 2017, p.33 *apud* Schön, 1992). Em se tratando do aprendizado de língua estrangeira, tal reflexão gera inquietação ao professor diante da percepção das dificuldades de seus alunos, principalmente no que se refere a um fator invisível, como a ansiedade.

O interesse pela temática se dá devido à minha experiência no meu processo de aprendizado de língua inglesa, pois sentia algum fator limitante no meu aprendizado, porém não compreendia que caracterizavam sentimentos de ansiedade. Concomitantemente, após vivências como docente, notei a esquiva de alguns alunos em atividades por mim solicitadas, como ler em voz alta trechos em língua inglesa, responder a atividades desenvolvidas pelos alunos e participar de atividades interativas, por medo de errar. De tal forma, a fim de auxiliar alunos em situações semelhantes, propus-me a compreender melhor a área.

Por isso, o presente estudo se faz necessário para trazer à luz essa realidade e auxiliar professores a encontrar novas saídas para essa problemática. Como consequência, espera-se a formação de alunos mais proficientes no idioma, que hoje em dia se faz tão necessária devido à globalização e à sociedade cada vez mais interconectada.

Dito isso, objetiva-se com essa monografia compreender de que modo a ansiedade influencia no aprendizado de uma língua estrangeira dentro da sala de aula, a fim de auxiliar professores de língua estrangeira a entender como ela ocorre e encontrar estratégias para amenizá-la.

Para atingir tais objetivos, as seguintes perguntas almejam ser respondidas no final dessa pesquisa:

1. Quais são os fatores que influenciam a ansiedade no aprendizado de língua estrangeira?
2. Quais são as estratégias utilizadas para minimizar a ansiedade na sala de aula de língua estrangeira?

Esta monografia encontra-se organizada da seguinte forma: além desta Introdução, a seção Referencial Teórico traz tópicos sobre ensino/aprendizagem de língua estrangeira, conceitos teóricos sobre ansiedade, discussões sobre a ansiedade no contexto escolar e no contexto de ensino de língua estrangeira. Em seguida, a Metodologia apresenta a caracterização desta monografia, além dos critérios de seleção dos trabalhos analisados nesta pesquisa. Nas Análises e Resultados, apresentamos, resumidamente, os trabalhos selecionados, analisando-os conforme nossos objetivos. Por fim, na seção Considerações Finais tecemos os resultados finais desta pesquisa.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção da monografia, abordaremos alguns trabalhos e temas basilares que nos direcionam até o cerne das nossas discussões, isto é, a discussão sobre as influências da ansiedade no contexto de aprendizado de língua estrangeira. Para isso, apresentaremos o conceito de ansiedade, as influências da ansiedade no contexto escolar e estudos sobre a ansiedade no aprendizado de língua estrangeira, perpassando relevantes autores da área, dentre eles Scovel (1978), Horwitz, Horwitz e Cope (1986) MacIntyre e Gardner (1989, 1991, 1994).

2.1 O ensino/aprendizagem de língua estrangeira

Segundo Cunha, Costa e Martelotta (2008, p.252), o termo “língua” pode ser definido como sistema de signos vocais utilizados com a finalidade de comunicação entre integrantes de um grupo social ou de uma comunidade linguística. Diante da globalização e de outras variáveis, a necessidade de aprender novas línguas tem se tornado cada vez mais comum e necessária.

Segundo Ellis (1994), o aprendizado de uma língua estrangeira ocorre quando o idioma a ser aprendido não exerce um papel institucional na comunidade e é aprendido apenas no contexto de sala de aula. A língua estrangeira contrapõe-se à aquisição de segunda língua, comumente confundidas, pois para caracterizar uma segunda língua é necessário que a língua aprendida exerça um papel institucional e social na comunidade que esse indivíduo habita (Ellis, 1994).

Apesar das duas distinções, nota-se que a diferença é técnica, predominando o contexto inserido e as especificidades necessárias a serem aprendidas. Em seus estudos, Leffa (1988) prefere abranger os dois termos com a sigla L2. Neste estudo utilizaremos o termo língua estrangeira, contudo, conforme os autores citados forem utilizando um dos dois termos, seguiremos a nomenclatura adotada por cada um.

Para Brown (2007), o aprendizado de uma segunda língua é entendido como um longo e complexo empreendimento. Segundo o autor, é necessário um comprometimento e envolvimento do aluno, seja físico, intelectual e emocional, para conseguir comunicar e receber uma mensagem nesse idioma a ser aprendido.

Brown (2007) aponta que no processo de aprendizado de língua estrangeira é importante entender como os alunos sentem, respondem e compreendem algumas crenças sobre esse processo, algumas das variáveis afetivas citadas pelo autor são

a autoestima, a empatia, a motivação e a ansiedade, esta última, como já mencionada, será o foco principal deste trabalho e a abordaremos melhor nas seções a seguir.

2.2 O que é ansiedade?

A ansiedade é um sentimento que está sendo cada vez mais mencionado e presente no nosso cotidiano. Para Nutt e Ballenger (2003), razões como o ritmo de vida na sociedade moderna e as pressões que sofremos atuam como grande fator de estresse, gerando distúrbios de ansiedade em algumas pessoas. Clark e Beck (2011) corroboram com essa perspectiva ao apontarem que casos de ansiedade, em sua maioria, desenvolvem-se a partir de contextos de pressões, demandas e estresses do dia a dia.

A seguir, apresentaremos alguns conceitos a respeito de ansiedade, com o propósito de contextualizar e melhor compreender nosso objeto teórico, até chegarmos ao conceito de Horwitz, Horwitz e Cope (1986), a partir do qual esta pesquisa se baseia.

Blanchard *et. al* (2008) conceituam a ansiedade como a motivação associada a comportamentos que ocorrem diante de ameaças, sejam elas potenciais, sinalizadas ou incertas, que venham a se concretizar. Já Cloninger (1988) desenvolve, além e classifica a ansiedade como um fenômeno multidimensional, abrangendo áreas cognitivas, subjetivas, fisiológicas e comportamentais. Especificando alguns desses fatores, Cloninger (1988) inclui situações de incertezas quanto à segurança ou perigo, sentimentos subjetivos, como medo, e comportamentos evitando ativa ou passivamente a situação que causa medo.

Ao mencionarmos o medo, vale pontuar que Clark e Beck (2011) classificam essa emoção como uma resposta natural, saudável e adaptativa ao momento em que percebemos uma ameaça ou uma situação de perigo, a fim de prezar a segurança física do indivíduo.

Clark e Beck (2011) colocam a ansiedade e o medo em um patamar de igualdade ao tratar de preocupação com o futuro, antecipando ações, predominando pensamentos do tipo “e se determinada situação acontecesse?”.

Especializada em diagnosticar distúrbios mentais, a *American Psychiatric Association* (2014), no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais

(DMS-V), define a ansiedade como “antecipação de uma ameaça futura” (*American Psychiatric Association*, 2014, p.189), associando, de forma frequente, a sintomas de tensão muscular e vigilância, com a finalidade de se preparar para o perigo futuro, gerando também comportamentos de cautela e esquiva.

Cabe pontuar que o conceito de ansiedade que posteriormente será apresentado no contexto de aprendizado de língua estrangeira não pode ser inequivocamente taxado como transtorno de ansiedade, visto que não costumam ser excessivos ou persistentes “além de períodos apropriados ao nível de desenvolvimento” (*American Psychiatric Association*, 2014, p.189).

Apesar das diferentes perspectivas sobre a ansiedade dentro da área da psicologia, podemos perceber que em todas essas definições ocorrem uma antecipação do indivíduo a uma situação que pode ou não acontecer, alterando a sua percepção da realidade e gerando sintomas físicos e comportamentais à pessoa afetada pelo sentimento ansioso. Tais sentimentos e comportamentos podem também ocorrer dentro do contexto de aprendizado, como veremos a seguir.

2.3 A ansiedade no contexto escolar

De acordo com Costa e Boruchovitch (2004), a ansiedade no contexto escolar é um tema pesquisado de forma recorrente, tendo esse tipo de pesquisa tido o seu interesse aumentado, entre as décadas de 1960 e 1970. Ainda segundo as autoras, existe uma hipótese de que a alta ansiedade é capaz de influenciar de forma negativa a performance acadêmica dos alunos.

Corroborando com essa análise, Muniz e Fernandes (2016) encontraram relação negativa entre o autoconceito do aluno e a ansiedade escolar de alunos entre 7 e 11 anos, sugerindo que a ansiedade em níveis mais altos ocorre após uma percepção negativa de si. Muniz e Fernandes (2016) sugerem a necessidade de intervenção para a diminuição da ansiedade e é importante a consciência dos professores acerca dessa influência, para intervir no autoconceito e na melhora do desempenho dos alunos.

Ramos (2023), voltando-se ao estudo com crianças de 9 a 12 anos, constatou que o desempenho escolar das crianças pareceu ser influenciado pela autoestima e ansiedade que apresentavam. Dentre os dois fatores pontuados, a autora percebeu a predominância da influência da ansiedade. Contudo, Ramos

(2023) reforça que a cobrança dos pais pode ser um dos fatores a aumentar a ansiedade.

Em sua pesquisa, Ramos (2023) também constatou que quanto maior a idade dos alunos, menor é o nível de ansiedade, posto que crianças mais novas podem vivenciar o medo de situações inéditas do contexto escolar.

Tratando-se de outra faixa etária, Karino (2010) investiga a ansiedade escolar no contexto de provas com alunos do ensino médio. Seus estudos apontam para uma modesta, mas influente ansiedade atuando de forma negativa, pois ao comparar alunos com alta ansiedade, observou-se que alunos com baixos níveis de ansiedade obtiveram melhor desempenho. Apesar disso, Karino (2010, p.102) salienta que “a ansiedade sofre influência de outras variáveis contextuais, tal como o domínio do conteúdo, e de variáveis individuais, como idade e sexo”.

Caminhando para estudos que identificaram a baixa influência da ansiedade no contexto proposto, Souza e Cunha (2021) ao investigarem a relação da ansiedade e o desempenho dos alunos do ensino médio, constataram não encontrar relações entre essas duas variáveis, uma vez que seus resultados nas amostras com 96 alunos de uma escola privada de Minas Gerais foram considerados normais no que se trata dos sintomas ansiosos.

Apesar da limitação dos dados obtidos pelo estudo, Souza e Cunha (2021) refletem sobre a necessidade de criar nas escolas um espaço de escuta aos alunos, a fim de prevenir e intervir na saúde emocional do adolescente, identificando previamente possíveis casos.

Fassis, Mendes e Carmo (2014), ao se voltarem para a área da matemática, não perceberam relação acentuada ao tratar de ansiedade. Contudo, contrariando os estudos citados anteriormente, os pesquisadores identificaram que os alunos, ao relatarem níveis mais altos de ansiedade, obtiveram resultados minimamente melhores quando comparados aos alunos com baixa ansiedade.

Entretanto, um ponto relevante trazido por Fassis, Mendes e Carmo (2014) para a interpretação dos professores é que não necessariamente a nota obtida pelos alunos reflete o conhecimento adquirido, pois alunos com medo podem estudar focando apenas em notas positivas, não absorvendo o conteúdo.

Ao analisarmos tais pesquisas, é notório que a ansiedade no contexto escolar possui divergências em seus resultados, dada a complexidade da temática e suas

variáveis. Ao se tratar de língua estrangeira, tal realidade também se torna presente, como veremos na seção seguinte.

2.4 Estudos sobre a ansiedade no aprendizado de língua estrangeira

Os primórdios da pesquisa sobre a ansiedade em língua estrangeira ocorreram por volta dos anos 70, como mostra Scovel (1978). Contudo, durante as pesquisas deste trabalho, notamos a relevância de alguns autores acerca da temática. Nesta seção, buscaremos apresentá-los até o cerne teórico de nossa pesquisa, os quais temos como autores Horwitz, Horwitz e Cope (1986).

2.4.1 Os primeiros estudos

Scovel (1978) desenvolve um levantamento bibliográfico sobre os estudos da ansiedade no processo de aprendizado de língua estrangeira. O autor ressalta que os resultados encontrados eram contraditórios e confusos, sugerindo ser precipitado relacionar a ansiedade ao processo de aquisição da língua.

A partir dos estudos analisados, Scovel (1978) considerava imprecisas as definições sobre variáveis afetivas e, como consequência, os resultados das pesquisas também se tornavam imprecisos para bem investigar o tópico.

Scovel (1978) conclui que, antes de mensurar a ansiedade, os estudiosos deveriam tornar-se mais conscientes da complexa hierarquia das variáveis que interferem, como os fatores internos e externos e as variáveis afetivas e cognitivas. Somente após esse conhecimento, as várias formas de medir a ansiedade e suas relações com esses fatores deveriam ser enfatizadas.

2.4.2 O Inventário de Ansiedade Traço-Estado (IDATE)

Apesar de não ser voltado especificamente ao contexto de aprendizado de língua estrangeira, o psicólogo Charles D. Spielberger desenvolveu uma escala capaz de medir a ansiedade de traço e a ansiedade de estado. Por causa disso, a escala de Spielberger é utilizada como recurso por pesquisadores de língua estrangeira para medir a ansiedade.

Segundo Biaggio, Natalícia e Spielberger (1977), o conceito de ansiedade proposto por Spielberger no ano de 1966 distingue-se em ansiedade de estado e ansiedade de traço. A ansiedade de estado é caracterizada como um estado

transitório das emoções, ou seja, situacional, enquanto a ansiedade de traço é caracterizada pela diferença de cada indivíduo ao reagir a situações propensas a desenvolver sentimentos ansiosos.

A escala proposta por Spielberger foi nomeada como *State-Trait Anxiety Inventory (STAI)* e traduzida por Biaggio, Natalícia e Spielberger (1977) como Inventário de Ansiedade Traço-Estado (IDATE). Para avaliar a ansiedade de traço, a escala é dividida em 20 afirmações para descrever como o indivíduo se sente de maneira geral, tendo 4 opções de respostas variando entre absolutamente não e muitíssimo. Enquanto para avaliar a ansiedade de estado, outras 20 afirmações são divididas em 4 opções de respostas, variando entre quase nunca a quase sempre.

De acordo com Marteau e Bekket (1992), o IDATE é considerado um dos instrumentos para medir a ansiedade mais utilizados em pesquisas de psicologia aplicada, devido ser uma medição confiável e sensível. Também notamos o uso na área de linguística aplicada nos trabalhos de Ferreira (2017) e MacIntyre e Gardner (1989).

2.4.3 A Escala de Ansiedade de Sala de Aula de Língua Estrangeira

Horwitz, Horwitz e Cope (1986) definem a ansiedade no aprendizado de língua estrangeira como um processo diferente do medo e ansiedade transferido para o contexto de sala de aula. Como já mencionado anteriormente, é, na verdade, um complexo de autopercepções, crenças, sentimentos e comportamentos relacionados ao aprendizado em sala de aula de língua estrangeira, no qual os sentimentos são provocados a partir da singularidade do processo de aprendizado de língua estrangeira.

Ainda para Horwitz, Horwitz e Cope (1986), é possível classificar a ansiedade no aprendizado de língua estrangeira em 3 categorias. A primeira categoria é a apreensão ao se comunicar devido à timidez causada pelo medo ou ansiedade ao se comunicar com outras pessoas. A segunda categoria é a ansiedade ao realizar provas, com medo de obter maus resultados, conhecida pelos autores como ansiedade de teste. A última categoria refere-se ao medo de uma avaliação negativa dos colegas e professores, devido a isso, a apreensão faz com que o indivíduo evite essas situações.

De acordo com Horwitz, Horwitz e Cope (1986) os sintomas e comportamentos relacionados à ansiedade em sala de aula de língua estrangeira são os mesmos que a ansiedade específica, isso é, apreensão, preocupação, pavor, dificuldade de concentração, esquecimentos, suor e palpitações, além de comportamentos de esquiva da situação, como faltar aulas de postergar realização de atividades.

Após criação e aplicação de uma escala própria para mensurar a ansiedade no contexto de aprendizado de língua estrangeira, nomeada Escala de Ansiedade de Sala de Aula de Língua Estrangeira (*Foreign Language Classroom Anxiety Scale - FLCAS*), Horwitz, Horwitz e Cope (1986) apontam significantes casos de ansiedade em diversos alunos de língua estrangeira, ao menos em alguns aspectos, sugerindo que a ansiedade é comum em estudantes e sala de aula de língua estrangeira.

Antes de conseguir auxiliar o aluno a lidar com a ansiedade, Horwitz, Horwitz e Cope (1986) pontuam que primeiramente o professor precisa ter a ciência de que a ansiedade pode ocorrer em sala de aula de língua estrangeira e considerar possíveis influências em seus comportamentos em sala de aula, antes de emitir julgamentos. Após essa identificação, o professor pode ajudar os alunos a aprenderem a lidar com as situações geradoras de ansiedade ou tornar o ambiente de sala de aula menos estressante, podendo criar um sistema de apoio aos alunos.

A fim de reduzir a ansiedade, Horwitz, Horwitz e Cope (1986) sugerem exercícios de relaxamento e conselhos sobre o aprendizado efetivo de línguas. Outra sugestão de Horwitz, Horwitz e Cope (1986, *apud* McCoy, 1979) inclui manter um diário.

2.4.4 A ansiedade no contexto linguístico

Dentre os muitos estudos desenvolvidos na área pelos autores, MacIntyre e Gardner (1989) indicaram encontrar clara relação entre a ansiedade no processo de aprendizado de língua estrangeira e a proficiência na língua estrangeira. Os estudos também demonstraram clara distinção entre ansiedade ao aprender o idioma e ansiedade generalizada.

MacIntyre e Gardner (1991) analisaram a produção científica de cerca de 2 décadas anteriores à data de publicação de seus estudos. Esses trabalhos selecionados voltavam-se às perspectivas da ansiedade em língua estrangeira, os

instrumentos utilizados e os resultados obtidos. Os autores concluíram que a ansiedade trazia prejuízos para o aprendizado, além de proporcionar uma experiência de aprendizado desconfortável, levando o aluno a retirar-se de participar das atividades, devido ao medo de cometer erros diante de colegas.

Contudo, MacIntyre e Gardner (1991) analisaram que, para a época, escalas para medir a ansiedade não se caracterizavam efetivas dentro do contexto de sala de aula de língua estrangeira. Os autores concluíram que a ansiedade no aprendizado de língua estrangeira difere dos outros tipos de ansiedade e que a ansiedade é negativa para o processo de aprendizagem.

MacIntyre e Gardner (1994) continuam suas pesquisas na temática e definem a ansiedade no contexto linguístico como um sentimento de tensão e apreensão associada especificamente ao contexto de segunda língua, com isso, incluem-se momentos de conversação, escuta e aprendizado da língua estrangeira.

Nesse estudo, MacIntyre e Gardner (1994) estudam o processo cognitivo que envolve a aquisição da linguagem. Os autores desenvolveram uma nova escala para mensurar a ansiedade ao receber, processar e utilizar a língua estrangeira. MacIntyre e Gardner (1994) concluem que os potenciais efeitos da ansiedade nesse processo aparentam ser pervasivos e sutis. Os autores analisaram que alunos mais ansiosos possuíam uma menor base de conhecimento na língua estrangeira e apresentavam maior dificuldade de expor o conhecimento que já possuíam.

3. METODOLOGIA

A presente pesquisa se insere na área da Linguística Aplicada, na medida em que se propõe a investigar e intervir em problemas do mundo real envolvendo a linguagem (Pennycook e Makoni, 2020). O que se busca, mais especificamente, é investigar a ansiedade experienciada pelos alunos no contexto de aprendizado de línguas estrangeiras.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa, pois interpretamos as realidades sociais existentes (Bauer; Gaskell; Allum, 2003, p.23). Denzin e Lincoln (2018) acrescentam que o tipo de pesquisa qualitativa consiste em um conjunto de práticas interpretativas e materiais que tornam o mundo visível.

Este estudo também possui natureza bibliográfica, pois utilizaremos variadas fontes bibliográficas para analisar e interpretar nossos dados (Rocha; Bernardo, 2011). Conforme Lara e Molina (2011), o objetivo desse tipo de pesquisa é colocar o autor da pesquisa a ser elaborada frente a informações já existentes sobre o assunto, ampliando seus conhecimentos, exigindo, portanto, pensamento reflexivo e tratamento científico do autor da nova pesquisa.

Nesse sentido, este estudo propõe investigar a ansiedade no contexto de sala de aula de língua estrangeira, procurando entender os fatores geradores e possíveis estratégias para contornar situações de ansiedade experienciadas pelos alunos e encontradas pelos professores.

Para isso, foram selecionados trabalhos acadêmicos, entre eles monografias e teses de mestrado, na área citada, seguindo os critérios abaixo:

1. Trabalhos acadêmicos publicados entre os anos de 2011 e 2024;
2. Trabalhos acadêmicos cujos títulos contivessem a palavra “ansiedade” e “língua estrangeira” na plataforma *Semantic Scholars*;
3. Trabalhos acadêmicos cujos títulos contivessem a palavra “ansiedade” e “língua inglesa” na plataforma *Semantic Scholars*;
4. Trabalhos acadêmicos gerados a partir de pesquisas de campo, nas quais o foco temático fosse ansiedade no contexto de sala de aula de língua estrangeira;

5. Trabalhos acadêmicos nos quais o público-alvo não fossem crianças.

A partir dos critérios 1 e 2 encontramos um total de 6.690 trabalhos acadêmicos, dentre os resultados encontrados, delimitamos a busca apenas na primeira página de pesquisa na plataforma *Semantic Scholars* devido à limitação de tempo para a realização da pesquisa. Diante disso, selecionamos três trabalhos científicos a partir dos critérios 4 e 5. A fim de encontrar alguma especificidade no aprendizado de língua inglesa, outra etapa de busca foi realizada seguindo os critérios 1 e 3, e obtivemos 10.400 resultados, contudo, seguindo os mesmos critérios 4 e 5 aplicados apenas à primeira página da pesquisa, selecionamos um trabalho científico.

Após tais critérios, obtivemos o total de quatro trabalhos acadêmicos, os quais foram:

Dissertação de mestrado 1: Um estudo Q sobre a ansiedade na aprendizagem de língua inglesa (Thereza Jr, 2011)

Dissertação de mestrado 2: Ansiedade dos aprendentes chineses na aprendizagem de português como língua estrangeira (Ge, 2018)

Dissertação de mestrado 3: Autorreflexão e ação sobre fatores geradores de ansiedade de produção oral em aulas de alemão como língua estrangeira em ambiente universitário: uma proposta experimental de consultoria individual (Ferreira, 2017)

Monografia 1: Um estudo de caso sobre a ansiedade na aprendizagem de língua estrangeira (Figueiredo, 2020)

Ao longo da próxima seção, apresentaremos os principais achados nas pesquisas e a análise de seus resultados. É válido lembrar que os artigos selecionados buscam responder às seguintes perguntas:

1. Quais são os fatores que influenciam a ansiedade no aprendizado de língua estrangeira?
2. Quais são as estratégias utilizadas para minimizar a ansiedade na sala de aula de língua estrangeira?

4. ANÁLISES E RESULTADOS

Nesta seção faremos a exposição dos trabalhos científicos mencionados na metodologia deste trabalho. Abordaremos seus objetivos, metodologias, principais resultados e algumas estratégias propostas pelos pesquisadores para contornar a situação de ansiedade em sala de aula. Objetivamos estabelecer um diálogo entre esses trabalhos e os objetivos propostos nesta pesquisa, razão pela qual os analisaremos, buscando convergências e divergências entre elas.

A seguir, os quatro estudos, introduzidos por tópicos, os quais remetem aos títulos originais de cada um.

4.1 Um estudo Q sobre a ansiedade na aprendizagem de língua estrangeira

Diante de sua realidade no ensino de língua estrangeira, Thereza Jr (2011) observou o desempenho linguístico dos alunos prejudicados por se sentirem ansiosos em sala de aula, supondo também que a ansiedade pudesse ocorrer de forma distinta dependendo da faixa etária. Com isso, o autor objetivou identificar os momentos e as situações em que os aprendentes presenciaram o sentimento de ansiedade e seus comportamentos diante dessas situações.

Thereza Jr (2011) utilizou-se de uma pesquisa qualitativa de base interpretativista, através de uma metodologia chamada “Metodologia Q”, para analisar as respostas subjetivas dos alunos, agrupando-os em características em comum após a resposta de 57 assertivas, baseadas em uma entrevista com 32 voluntários na primeira fase da pesquisa, de 18 a 64 anos.

Após a elaboração do universo de ideias referentes à ansiedade no processo de aprendizado de língua estrangeira, a coleta de informações contou com 44 alunos voluntários de idade entre 18 e 50 anos, matriculados em um curso de inglês de um centro de idioma oferecido por uma instituição federal de ensino superior.

As respostas para a pesquisa foram guiadas a partir dos seguintes questionamentos: 1. Sobre o ponto de vista dos aprendizes de língua inglesa a respeito do sentimento de ansiedade em sala. 2. Em que momentos a ansiedade facilitava ou debilitava o aprendizado. 3. Em qual habilidade linguística sentiam-se

mais ansiosos. 4. Que relação poderia ser estabelecida entre a ansiedade e a idade do participante.

De acordo com a pesquisa de Thereza Jr (2011), os resultados sugerem que a ansiedade pode interferir no processo de aprendizagem dos alunos, contudo, a pesquisa constata que não é possível fazer generalizações de como os alunos agem diante da ansiedade em sala de aula de língua estrangeira.

Isso porque, em síntese, os resultados obtidos mostraram a distinção de três grupos com características divergentes, classificando-os como *The Good Fellas*, *The Easyriders* e *The Caring Ones*. No primeiro, os alunos constroem seu aprendizado com o suporte do colega. No segundo, compartilham opiniões positivas referentes ao aprendizado de língua inglesa e à ansiedade, não a considerando de forma debilitadora. No último, possuem características muito ansiosas de forma debilitadora no contexto de sala de aula e também em sua vida fora de sala.

Devido ao grupo *The Caring Ones* ser o grupo mais ansioso e responder melhor nossa questão problema número um, focaremos a análise de Thereza Jr (2011) nesse grupo, também conhecido como grupo 3 em sua pesquisa.

Ao contrário dos outros grupos, o grupo 3 não encarou o erro com naturalidade, gerando sofrimento. Comparado com o grupo 2, *The Easyriders*, que também eram ansiosos, mas sentiam-se de forma tranquila, o mesmo resultado não aconteceu com os *The Caring Ones*.

Outro fator que destacou a ansiedade do grupo 3 foi que na pesquisa os aprendizes mostraram-se mais ansiosos em situações de uso da fala na língua inglesa (*speaking*) e na compreensão auditiva (*listening*).

Respondendo à segunda questão que guia a pesquisa, ora a ansiedade facilitava o processo de aprendizado, estimulando o estudo, ora prejudicava, nos momentos de interações e exposição entre os colegas e com o professor. Já na terceira pergunta, constatou-se que a compreensão auditiva e a fala pareceram ser as maiores geradoras de ansiedade, apesar do autor ressaltar uma possível interferência nas respostas, já que poucas assertivas enfatizaram as habilidades de leitura e escrita.

Na última questão, a pesquisa apontou que os alunos mais velhos se mostraram mais ansiosos que os outros. Todavia, outras faixas etárias também adentraram a essas características, não tornando possível fazer uma generalização com relação à faixa etária.

Por fim, Thereza Jr (2011) nota a importância do papel do professor em sala de aula junto a esses alunos ansiosos e, por isso, a necessidade do professor ter a ciência de que ele pode ser um fator a atrapalhar o aprendizado do aluno. Como estratégia, sugere a criação de um ambiente de sala de aula confortável e que o professor crie uma relação de confiança com os alunos.

4.2 Ansiedade dos aprendentes chineses na aprendizagem de português como língua estrangeira

Ge (2018), no contexto de ensino de uma língua estrangeira aos estudantes chineses, focando na língua portuguesa como língua estrangeira, preocupou-se com a temática devido ao pouco estudo voltado aos alunos chineses, cogitando que a divergência cultural voltada à cobrança de estudos por parte dos alunos chineses pudesse também influenciar os níveis de ansiedade em sala de aula.

O autor também justificou em sua pesquisa que, ao conhecer as causas da ansiedade apresentadas pelos alunos, é possível que os professores tomem medidas para contornar a situação e os alunos se adaptem com os métodos de aprendizado.

Ge (2018) guiou sua pesquisa de base empírica e teórica com 100 estudantes universitários chineses, na qual o objetivo era aprender a língua portuguesa, os estudantes eram de origens diversas, como China continental, Região Administrativa Especial de Macau, isto é, regiões onde a língua portuguesa é considerada uma das línguas oficiais, e alunos que estudam em Portugal.

Questionários foram aplicados a fim de conhecer o perfil dos alunos e entender o nível de ansiedade apresentado por eles através da Escala de Ansiedade de Sala de aula de Língua Estrangeira (*Foreign Language Classroom Anxiety Scale - FLCAS*) desenvolvida por Horwitz, Horwitz e Cope (1986), contendo 33 perguntas em chinês.

Partindo do questionário, o estudo pode ser conduzido respondendo às seguintes perguntas: quais as características dos alunos, quais fatores influenciam a ansiedade, quais tipos de estudantes apresentavam níveis mais elevados de ansiedade e quais seriam os impactos no aprendizado dos alunos. Caso os participantes obtivessem 99 pontos na escala, eram considerados moderadamente ansiosos.

Os resultados encontrados por Ge (2018) demonstraram uma média de ansiedade moderada ao aprenderem a língua portuguesa. A partir disso, o autor concluiu que diferentes grupos possuem características mais atenuantes, percebendo que diferenças individuais são relevantes nos níveis de ansiedade.

De modo mais acentuado, a ansiedade se manifesta nos momentos de oralidade, no medo da avaliação negativa e na ansiedade do ensino em sala de aula. Contudo, Ge (2018) sugere que a preparação adequada poderia auxiliar os alunos a reduzir a ansiedade. Também foi possível identificar que a ansiedade em língua estrangeira possui diversas fontes, as principais encontradas no presente estudo foram “a proficiência linguística, o gênero, a origem do aluno, pressão de vários tipos e base da linguagem”. (Ge, 2018, p.47).

Em mais detalhes, constatou-se que o grau de ansiedade varia de acordo com a situação específica em que o aluno experiencia, mas é mais acentuado quando não estão preparados para se expressarem durante as aulas. Contudo, poucos alunos se mostraram confiantes. Alguns deles demonstraram ansiedade de teste, que conforme conceitua Ge (2018, p.10) “é uma condição psicológica na qual as pessoas experimentam uma extrema angústia e ansiedade em situações de teste de língua estrangeira.” No entanto, constatou-se que esse nível de ansiedade poderia ser reduzido tendo a devida preparação para as provas.

Por outro lado, a pressão relacionada à necessidade do uso do idioma para necessidades profissionais e realização de exames apresentou uma diferença significativa nos resultados quando comparada aos alunos sem essa necessidade.

De acordo com a pesquisa, as correções feitas pelos professores, dependendo do modo feito, desencadeiam sentimentos ansiosos e nervosos. Além

disso, alunos com mais proficiência na língua portuguesa demonstraram menor ansiedade quando comparados com os alunos com menos proficiência. Em contrapartida, o fator relacionado à exposição à língua portuguesa e cultural dos alunos com experiência em países onde a língua portuguesa era utilizada não demonstrou afetar significativamente os níveis de ansiedade .

Ge (2018), finalizando sua análise, apresenta algumas recomendações e estratégias aos professores para a redução dos sintomas ansiosos:

“incluindo a transformação do papel do professor, o aumento da autoconfiança dos alunos, o estabelecimento de autoestima dos alunos, a compreensão correta da ansiedade, a criação de um ambiente relaxado e favorável.” (Ge, 2018, p.58)

Segundo o autor, cabe ao professor ensinar os alunos de acordo com suas aptidões, devido à variedade de personalidade dos alunos, logo, o professor deveria utilizar-se de métodos mais flexíveis, com objetivo de desenvolver os pontos fortes dos alunos, maximizando a eficiência do processo de ensino. O professor também deveria fornecer orientações aos alunos conforme percebesse ansiedade por parte dos alunos, além do professor também ter a ciência que, dependendo de suas atitudes, os alunos podem desenvolver mais ou menos ansiedade.

Segundo Ge (2018), esforços em conjunto são capazes de gerar impacto mais significativo no alívio da ansiedade gerada em contextos de aprendizado de língua estrangeira, gerando, conseqüentemente, mais eficiência no aprendizado do idioma.

4.3 Autorreflexão e ação sobre fatores geradores de ansiedade produção oral em aulas de alemão como língua estrangeira em ambiente universitário: uma proposta experimental

Ferreira (2017), após coleta de referências bibliográficas sobre a ansiedade no aprendizado de língua estrangeira, objetivou em seu estudo examinar se os resultados encontrados ocorriam também com o grupo de licenciatura em língua alemã de uma universidade pública de São Paulo.

Um segundo objetivo de Ferreira (2017) com seu estudo era encontrar uma estratégia, do ponto de vista dos alunos, para amenizar a ansiedade gerada em

situações de produção oral da língua estrangeira. Para isso, a autora investigou o impacto da proposta de orientação didático-pedagógica chamada consultoria individual.

A coleta de dados do estudo de caso de caráter qualitativo e de cunho interpretativo de Ferreira (2017) foi dividida em três etapas, nas quais os objetivos foram: 1. identificar, mapear e posteriormente discutir acerca desses fatores na produção oral dos alunos de língua alemã no ambiente acadêmico dos 21 participantes dessa etapa. 2. rastrear a ansiedade nos participantes da primeira etapa e compreender o que essa ansiedade difere na produção oral de língua alemã e a língua materna. 3. coletar dados dos participantes para a estratégia proposta de consultoria individual, a fim de instigar a reflexão dos alunos sobre o aprendizado da língua alemã e através dessa análise pessoal, encontrar medidas para amenizar a ansiedade nas situações comunicativas, em geral.

Com os resultados obtidos através do primeiro questionário aplicado foi possível identificar que a motivação dos alunos não influenciavam na ansiedade na produção oral de língua estrangeira, contudo a ansiedade era gerada pela apreensão na comunicação da língua alemã devido a algum grau de inibição na personalidade dos indivíduos e falta de prática do idioma em exercícios voltados a oralidade.

No mesmo questionário foram identificados os seguintes fatores geradores de ansiedade nos alunos: apreensão e insegurança ao se comunicar na língua alvo durante as aulas, maior tensão nos momentos de aula, apreensão em apresentar trabalhos orais na língua estrangeira, medo da avaliação dos colegas, comparação com eles, preocupação com erros cometidos e apreensão ao falar com falantes nativos (Ferreira, 2017).

Além de observações das aulas, foi proposta uma apresentação oral de forma facultativa e um segundo questionário foi aplicado, baseando-se no Inventário de Ansiedade Estado de Spielberger, a fim de analisar a ansiedade-estado dos alunos e suas atitudes diante da elaboração da atividade oral.

Com os resultados dessa fase, observou-se que 8 alunos realizaram a apresentação oral, enquanto 11 não a realizaram. Os 11 alunos apresentaram justificativas convergentes à apreensão na comunicação na língua alemã e medo da avaliação negativa dos colegas.

Em uma terceira fase da pesquisa, após entrevista com 10 participantes, concluiu-se que “altas expectativas de realização, pressão para bom desempenho, competição na sala de aula, *feedback* dos erros, e punições após erros estão relacionados à ansiedade e ao desempenho dos alunos.” (Ferreira, 2017, p.143).

Diante desses resultados, a consultoria individual, estratégia proposta pela autora para combater a ansiedade na produção oral em língua estrangeira, objetivou questionar as próprias crenças dos alunos, relativizando seus medos perante às situações de aprendizado de língua estrangeira e procurando pontos de vistas que contornassem as dificuldades encontradas por meio de reflexão pessoal com relação à temática.

Ferreira (2017) concluiu que, após a apresentação de Estratégias Indiretas de Aprendizagem, desenvolvida pela Oxford, ajudou os alunos a encontrar a dificuldade em seu aprendizado causada pela ansiedade na produção oral. De acordo com Ferreira (2017), essas estratégias são divididas em estratégias metacognitivas, afetivas e sociais, além de demonstrar o estilo de aprendizado de cada aluno.

Para a autora, a consultoria individual mostrou-se eficaz para amenizar a ansiedade específica do alunado, bem como promoveu a autorreflexão de estratégias para auxiliá-los a melhor se comunicarem em sala de aula.

4.4 Um estudo de caso sobre a ansiedade na aprendizagem de língua estrangeira

Figueiredo (2020) iniciou sua pesquisa a partir da hipótese de que a ansiedade gerava bloqueio na aprendizagem de língua estrangeira. Em decorrência, passou a investigar o reconhecimento desse sentimento em sala de aula e a buscar estratégias para lidar com essas situações em sala de aula, objetivando analisar os fatores que influenciavam o processo de ensino-aprendizado dos estudantes de língua estrangeira.

Para isso, Figueiredo (2020) produziu uma pesquisa quali-quantitativa, a partir de questionários enviados a 16 alunos de 6 escolas de idiomas, divididos igualmente em 8 alunos de língua inglesa e 8 de língua francesa. Cada grupo foi igualmente dividido em subgrupos a partir do critério de conclusão ou continuidade do estudo de língua estrangeira. Além do ponto de vista dos alunos, a pesquisa também conta com a perspectiva de 4 professores de língua estrangeira.

Após todos os participantes da pesquisa responderem positivamente à questão da afetividade, a autora conclui que tal relação entre aluno e professor é capaz de melhorar a qualidade das aulas e o convívio entre as partes, contribuindo também com a redução da ansiedade, demonstrando que a afetividade é uma possível aliada do professor para administrar a ansiedade em sala.

Ao serem questionados sobre os sentimentos despertados em sala de aula, 12 alunos responderam que se sentiam motivados em sala de aula, contudo, 5 mencionaram se sentir ansiosos. Curiosamente, 3 dos alunos ansiosos também responderam se sentir motivados.

Figueiredo (2020) também constatou que 50% dos alunos relataram desconforto nas atividades de escrita e os outros 50% relataram desconforto em atividades que necessitavam falar, justificando a sensação de vulnerabilidade ao exercerem essas atividades. Além disso, 9 alunos mencionaram desconforto ao responder perguntas diretamente no idioma a ser aprendido.

Do ponto de vista dos professores, 75% deles mencionaram que a habilidade da fala na língua estrangeira é a que mais percebem desconforto nos alunos, corroborando parcialmente com as respostas dos alunos.

A mesma proporção de 75% dos professores disseram conseguir identificar a ansiedade em seus alunos. Figueiredo (2020, p.104 *apud* Camargo, 2009, p.15) menciona que “a ansiedade pode ser instalada num nível imperceptível para aqueles que não vivenciam”, justificando 1 dos professores não identificar a manifestação da ansiedade em seus alunos.

Analisando as quatro pesquisas selecionadas, percebemos que todas elas partem de dados reais obtidos após contato com os alunos. Tais resultados são

importantes, pois fogem da vertente simplesmente teórica dos estudos de ansiedade no aprendizado de língua estrangeira e focam na real experiência do alunado. Apesar de divergências nos objetivos e objetos de pesquisas, todas as pesquisas aqui utilizadas focam na identificação dos fatores e as influências da ansiedade no processo de aprendizagem do aluno.

A partir da pesquisa de Figueiredo (2020) notamos que atividades cujo foco são as habilidades de fala e escrita geram mais ansiedade nos alunos, devido a sensação de vulnerabilidade que os alunos experienciam. Em contrapartida, Thereza Jr (2011) observa que os grupos identificados como mais ansiosos elevaram seus níveis de ansiedade em atividades envolvendo as habilidades de fala e compreensão auditiva, ou seja, corroborando parcialmente com Figueiredo (2020). Dentre outros fatores citados por Ge (2018), notamos também a recorrência da ansiedade em momentos de oralidade, enquanto Ferreira (2017) já partia sua pesquisa a partir da habilidade oral, não sendo possível uma comparação.

O quadro 1 abaixo nos apresenta, em síntese, essas habilidades geradoras de ansiedade no aprendizado de língua estrangeira descritas pelos pesquisadores.

Quadro 1 - Habilidades geradoras de ansiedade no aprendizado de língua estrangeira.

Figueiredo (2020)	Thereza Jr (2011)	Ge (2018)	Ferreira (2017)
Fala e escrita.	Fala e compreensão auditiva.	Fala.	Estuda apenas a fala.

Fonte: Figueiredo (2020); Thereza Jr (2011); Ge (2018); Ferreira (2017)

No quadro 1, podemos observar de forma clara a recorrência da habilidade oral como maior geradora de ansiedade ao confrontar os 4 autores, contudo, como bem falamos, os resultados de Ferreira (2017) não são possíveis realizar uma comparação direta com os outros autores, pois se propõe a estudar apenas a habilidade oral.

Ge (2018) conclui que diferenças individuais dos alunos afetam os níveis de ansiedade experienciados por eles. Enquanto Thereza Jr (2011) constatou que alunos mais ansiosos, ao lidarem com o erro no aprendizado, sentiam um

sofrimento, no qual podemos associar tal sentimento com a sensação de vulnerabilidade descrita por Figueiredo (2020).

Apesar disso, Thereza Jr (2011) observa que nem sempre a ansiedade pode ser considerada prejudicial ao aluno, pois às vezes ela é capaz de facilitar o processo de aprendizagem, estimulando os alunos a estudarem mais.

Na tabela 2 observamos essas influências da ansiedade nos alunos de língua estrangeira conforme cada autor descreve.

Quadro 2 - As influências da ansiedade nos alunos de língua estrangeira.

Ge (2018)	Thereza Jr (2011)	Figueiredo (2020)
Diferenças individuais afetam níveis de ansiedade.	Sufrimento ao cometerem erros; Ansiedade pode ser benéfica ou maléfica.	Sensação de vulnerabilidade ao se exporem.

Fonte: Ge (2018); Thereza Jr (2011); Figueiredo (2020)

Visualizamos no quadro 2 que apesar das divergências de cada autor sobre a influência da ansiedade nos alunos de língua estrangeira, podemos fazer conexões entre elas, já que ao possuírem diferenças individuais, cada aluno pode compreender a experiência em sala de aula de forma distinta, podendo gerar em alguns sentimentos de sofrimento ao cometerem erros, devido à sensação de vulnerabilidade ao se exporem. Por outro lado, nem sempre a ansiedade pode ser considerada maléfica, pois em alguns momentos ela pode auxiliar os alunos.

Por fim, diante das pesquisas, notamos diferentes propostas para contornar situações de ansiedade no contexto estudado. Ao passo que Thereza Jr (2011) propõe a criação de um ambiente de sala de aula confortável aos alunos, a ponto dos alunos e professores criarem uma relação de confiança, Ge (2018) propõe a utilização de métodos flexíveis por parte dos professores, ensinando conforme os pontos fortes dos alunos, sendo também o professor um orientador conforme percebesse a ansiedade nos alunos.

Podemos perceber uma breve correlação na proposta de Ge (2018) com a de Ferreira (2017) ao propor a utilização de uma consultoria individual do professor com o aluno, a fim de combater a ansiedade questionando as crenças e medos dos

alunos e encontrando eles mesmos uma solução eficiente para contornar a sua ansiedade.

No quadro 3 apresentamos essas estratégias sugeridas por cada autor a fim de minimizar a ansiedade nos alunos de língua estrangeira.

Quadro 3 - Estratégias para minimizar a ansiedade nos alunos de língua estrangeira

Ge (2018)	Thereza Jr (2011)	Ferreira (2017)	Figueiredo (2020)
Métodos flexíveis; Orientação do professor ao aluno.	Ambiente confortável; Relação de confiança entre aluno e professor.	Consultoria individual.	Não apresenta proposta.

Fonte: Ge (2018); Thereza Jr (2011); Ferreira (2017); Figueiredo (2020)

As estratégias apresentadas no quadro 3 são distintas entre os autores, porém percebemos a recorrência das atitudes do professor como sendo capazes de proporcionar uma melhor experiência de sala de aula ao aluno, seja em seu modo de lecionar, seja auxiliando seus alunos a melhor lidarem com a situação.

Apesar das pesquisas demonstrarem um grande papel na figura do professor de interferir positiva ou negativamente na ansiedade dos alunos, Figueiredo (2020) constata que a ansiedade não é um fator tão perceptível aos professores, tornando difícil para o professor agir efetivamente na problemática, principalmente diante da realidade de trabalho do professor.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivos compreender de que modo a ansiedade influencia no aprendizado de uma língua estrangeira dentro de sala de aula, a fim de auxiliar professores dessa área a entender como ela ocorre e encontrar estratégias para amenizá-la.

Os resultados encontrados após as análises e confrontos entre as quatro pesquisas selecionadas e estudadas nesta monografia nos levam às duas questões de pesquisa propostas.

Diante da primeira questão - Quais são os fatores que influenciam a ansiedade no aprendizado de língua estrangeira? - constatamos que fatores subjetivos dos alunos, sensação de vulnerabilidade e o modo que eles lidam com o erro podem interferir nos sentimentos ansiosos dos alunos. Além disso, notamos que a ansiedade pode favorecer ou prejudicar o aprendizado do aluno, tornando um desafio maior para o professor saber lidar com a situação.

É importante ressaltar que atividades envolvendo a habilidade oral demonstraram ser o principal fator gerador de ansiedade, necessitando uma atenção maior dos professores ao proporem atividades como essas. Contudo, não é possível descartar que as habilidades de compreensão auditiva e escrita geram sentimentos ansiosos, pois os alunos ainda sentem a cobrança e a exposição.

Já no caso da segunda questão - Quais são as estratégias utilizadas para minimizar a ansiedade na sala de aula de língua estrangeira? - constatamos que os estudos sugerem propostas como a criação de uma atmosfera de estudo confortável, estabelecimento de confiança na relação professor e aluno, flexibilização de métodos para melhor atender especificidades e pontos fortes dos alunos, orientação do professor ao perceber a ansiedade no aluno e, por fim, a proposta de consultoria individual a partir de uma auto reflexão do aluno mediante seus sentimentos e identificando formas de controlá-los.

Consideramos importante abordar uma limitação em relação a este estudo. Referimo-nos à exiguidade do tempo e, portanto, ao tamanho do corpus analisado. Pesquisas mais amplas, provavelmente revelariam resultados mais robustos,

envolvendo ou até privilegiando outras habilidades linguísticas como sendo a causa maior de ansiedade, em sala de aula, por parte dos alunos.

Por ora, o que constatamos, a partir dos nossos resultados, é que a ansiedade é uma realidade na sala de aula de língua estrangeira, não sendo possível ao professor ignorá-la em seus planejamentos e durante as aulas. Não é possível generalizar que a ansiedade sempre será debilitadora, contudo, momentos de comunicação oral merecem uma maior atenção do professor, pois estudos demonstram recorrência da manifestação da ansiedade nessa habilidade.

Além disso, percebemos que é necessário a consciência dos alunos de que estão em um processo de aprendizagem de língua estrangeira, na qual se expõem ao idioma na prática e, conseqüentemente, cometerem erros são situações necessárias para melhores resultados.

Cabe ao professor, na medida do possível, orientar os alunos a melhor lidarem com os sentimentos de ansiedade, mas tal responsabilidade não deve cair somente ao profissional devido às várias outras responsabilidades do professor. Todavia compreendemos que o processo de aprendizagem se faz de forma conjunta do professor e do aluno para melhor desempenho de ambos.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BAUER, Martin W., GASKELL, George. ALLUM, Nicholas C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento: evitando confusões. In: BAUER, Martin W., GASKELL, George (ed.) **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

BIAGGIO, Angela M. B.; NATALÍCIO, Luiz; SPIELBERGER, Charles D. Desenvolvimento da forma experimental em português do Inventário de Ansiedade Traço-Estado (IDATE), de Spielberger. **Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada**. Rio de Janeiro, v.29 n.3. p.31-44. jul/set 1977.

BLANCHARD, Robert J.; BLANCHARD, D. Caroline; GRIEBEL, Guy; NUTT, David. Introduction to the handbook on fear and anxiety. **Handbook of Anxiety and Fear**. Amsterdam: Elsevier, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino: língua estrangeira**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BROWN, H. Douglas. **Principles of language learning and teaching**. 5.ed. Nova Iorque: Pearson Education, 2007.

BRETAS, Rosana Maria. **A reflexão do docente sobre sua prática no espaço escolar: possibilidades e limites**. 2007. 164 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação. São Paulo: 2007.

CLARK, David A.; BECK, Aaron T.. **Cognitive Therapy of Anxiety Disorders: science and practice**. New York: The Guilford Press, 2011.

CLONINGER, C. Robert. Anxiety and theories of emotion. In: NOYERS JUNIOR, R.; ROTH, M.; BURROWS, G.D. (ed.). **Handbook of Anxiety**: classification, etiological factors and associated disturbances. 2. ed. Amsterdam: Elsevier, cap. 1. p. 1-29, 1988.

COSTA, Elis Regina da; BORUCHOVITCH, Evely. Compreendendo relações entre estratégias de aprendizagem e a ansiedade de alunos do ensino fundamental de Campinas. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, [S.L.], v. 17, n. 1, p. 15-24, 2004.

DENZIN, N K. LINCOLN, Y.S. (ed.). **The SAGE handbook of qualitative research**. Los Angeles: SAGE, 2018.

ELLIS, Rod. **The study of second language acquisition**. Oxford: Oxford University Press, 1994.

FASSIS, Daniela; MENDES, Alessandra Campanini; CARMO, João dos Santos. Diferentes graus de ansiedade à matemática e desempenho escolar no ensino fundamental. **Psicologia da Educação**, São Paulo, v. 39, p. 47-61, dez. 2014.

FERREIRA, Jaqueline Garcia. **Autorreflexão e ação sobre fatores geradores de ansiedade de produção oral em aulas de alemão como língua estrangeira em ambiente universitário**: uma proposta experimental de consultoria individual. 2017. 202 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Língua e Literatura Alemã, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

FERREIRA, Maria Filomena Sena. LOPEZ, Ênrique. Usos das tecnologias como ferramentas metodológicas no processo de ensino aprendizagem da língua inglesa. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. ano. 08, ed. 09, v.01, p. 98-112. Set. 2023.

FIGUEIREDO, Luana Cunha. **Um estudo de caso sobre a ansiedade na aprendizagem de língua estrangeira**. 2020. 117 f. Monografia (Graduação) - Curso de Bacharelado em Letras Tradução Português Inglês, Instituto Superior Anísio Teixeira. São Gonçalo, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.29327/222146.12.1-7>. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/Um-estudo-de-caso-sobre-a-ansiedade-na-ap>

rendizagem-Figueiredo/85f4b81fe668f547fcbafeafdf6d0d1b722a1525. Acesso em: 07 ago. 2024.

FINARDI, Kyria Rebeca.; PREBIANCA, Gicele Vergine; MOMM, Christiane Fabíola. Tecnologia na educação: o caso da internet e do inglês como linguagens de inclusão. **Cadernos do IL**. n. 46, p. 193–208, 2013.

GE, Sining. **Ansiedade dos aprendentes chineses na aprendizagem de Português como Língua Estrangeira**. 2018. 85 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Português Língua Segunda e Estrangeira, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Lisboa, 2018.

HORWITZ, Elaine K.; HORWITZ, Michael B.; COPE, Joann. Foreign Language Classroom Anxiety. **The Modern Language Journal**, [S.L.], v. 70, n. 2, p. 125-132, jun. 1986. DOI: <http://dx.doi.org/10.1111/j.1540-4781.1986.tb05256.x>. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1540-4781.1986.tb05256.x>. Acesso em: 07 ago. 2024.

KARINO, Camila Akemi. **Avaliação do efeito da ansiedade no desempenho em provas**. 2010. 175 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

LARA, Ângela Mara de Barros. MOLINA, Adão Aparecido. Pesquisa qualitativa: apontamentos, conceitos e tipologias. In: TOLEDO, César de Alencar Arnaut de. GONZAGA, Maria Teresa Claro. **Metodologia e Técnicas de pesquisa nas áreas de ciências humanas**. Maringá: Eduem, 2011.

LARSEN-FREEMAN, Diane; ANDERSON, Marti. **Techniques & principles in language teaching**. Oxford: Oxford University Press, 2011.

LEFFA, Vilson J. **Língua estrangeira: ensino e aprendizagem**. Pelotas: Editora da Universidade Católica de Pelotas, 2016.

LEFFA, Vilson J. Metodologia do ensino de línguas. In BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. **Tópicos em lingüística aplicada: O ensino de línguas estrangeiras**. Florianópolis: Ed. da UFSC, p.211-236, 1988.

MACINTYRE, P. D; GARDNER, R. C.. Anxiety and second-language learning: toward a theoretical clarification. **Language Learning**. Canada, p. 251-275, 1989.

MACINTYRE, P. D; GARDNER, R. C.. Methods and results in the study of anxiety and language learning: a review of the literature. **Language Learning**. Canada, p. 85-117, mar. 1991.

MACINTYRE, P. D; GARDNER, R. C.. The subtle effects of language anxiety on cognitive processing in the second language. **Language Learning**. Canada, p. 283-305, jun. 1994.

MARTEAU, Theresa M.; BEKKER, Hilary. The development of a six-item short-form of the state scale of the Spielberger State-TraitAnxiety Inventory (STAI). **British Journal of Clinical Psychology**. Great Britain, v.31, n. 3. p.301-306. set. 1992.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2022.

MUNIZ, Monalisa; FERNANDES, Débora Cecílio. Autoconceito e ansiedade escolar: um estudo com alunos do ensino fundamental. **Psicologia Escolar e Educacional**, [S.L.], v. 20, n. 3, p. 427-436, dez. 2016. FapUNIFESP (SciELO). DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-353920150203784>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/6XmcRh7Zy5FNXwvmVWRhbFm/?lang=pt>. Acesso em: 07 ago. 2024.

NUTT, D.J; BALLENGER, J.C (ed.). **Anxiety Disorders**. Massachusetts: Blackwell Science, 2003.

PENNYCOOK, Alastair. MAKONI, Sinfree. **Innovations and challenges in applied linguistics from the global South**. Nova Iorque: Routledge, p.lix, 2020.

RAMOS, Sara Sofia dos Santos. **Relação da ansiedade e autoestima no desempenho escolar em crianças (8 a 12 anos)**. 2023. 87 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia Clínica, Universidade Lusíada, Lisboa, 2023.

ROCHA, Alessandro Santos da. BERNARDO, Débora Giselli. Pesquisa bibliográfica: entre conceitos e fazeres. In: TOLEDO, César de Alencar Arnaut de. GONZAGA,

Maria Teresa Claro. **Metodologia e Técnicas de pesquisa nas áreas de ciências humanas**. Maringá: Eduem, 2011.

SCOVEL, Thomas. The effect of affect on foreign language learning: a review of the anxiety research. **Language Learning**. p. 129-142. 1978.

SOUZA, Cleide Maria de; CUNHA, Neide de Brito. Desempenho escolar e níveis de ansiedade no ensino médio. **Humanidades e Inovação: Novas teses jurídicas**, Tocantins, v. 8, n. 53, p. 307-321, jun. 2021.

THEREZA JÚNIOR, Alcides Hermes. **Um estudo Q sobre a ansiedade na aprendizagem de língua estrangeira**. 2011. 115 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.